

LEONARDO TURRIANO: INGENIERO DEL REY, **– ALICIA CÁMARA, RAFAEL MOREIRA, MARINO VIGANÒ. S.L.: FUNDACIÓN JUANELO TURRIANO, 2010**

MIGUEL SOROMENHO

Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação/IGESPAR, I.P.



A Fundação Juanelo Turriano, fundada em 1987, é uma das mais prestigiadas instituições docentes espanholas dedicadas ao estudo da história da ciência e da técnica, com uma regular actividade editorial e formativa, assessoria técnica, organização de conferências e de exposições. Evocando a memória do famoso relojoeiro, mecânico e engenheiro de Carlos V e de seu filho Filipe, II de Espanha e I de Portugal, a Fundação tem vindo, na verdade, a prestar um inestimável serviço ao conhecimento sistemático da cultura científica do período Moderno, embora com incursões aos mundos Antigo e Medieval, através do patrocínio à publicação ensaística e à divulgação de fontes.

Coube agora em sorte à celebrada figura do engenheiro Leonardo Turriano (ca. 1558-1628) ser exumada dos circuitos restritos dos especialistas, numa magnífica colectânea de estudos publicados pela Fundação que, até ver, constituirá uma abordagem quase definitiva à obra do italiano. Quanto mais não fosse pela qualidade dos textos e excelência gráfica da edição, profusamente ilustrada, a ligação profunda de Turriano a Portugal seria sempre um motivo acrescido de interesse para os leitores nacionais; e, a inclusão de um texto notável de Rafael Moreira, com a sua teia de hipóteses ousadas mas altamente estimulantes, a justa cereja em cima do bolo. Trata-se, sem dúvida, do nosso mais importante historiador da arte do Renascimento (o que apenas a cegueira de uma Academia fechada sobre os seus próprios preconceitos e regras bafiantes não quis ou não pôde compreender), o único, mesmo, a entender a inscrição da “arte renascentista” numa produção cultural mais complexa, fermentada pelos cruzamentos disciplinares com a engenharia, a matemática e a geometria, a astronomia, a literatura, a poesia... todos estes temas aflorando também na visão da obra polifacetada de Leonardo Turriano. Completam este livro os textos de Alicia Cámara Muñoz sobre o percurso de Turriano ao serviço da Coroa de Castela, o de Marino Viganò com

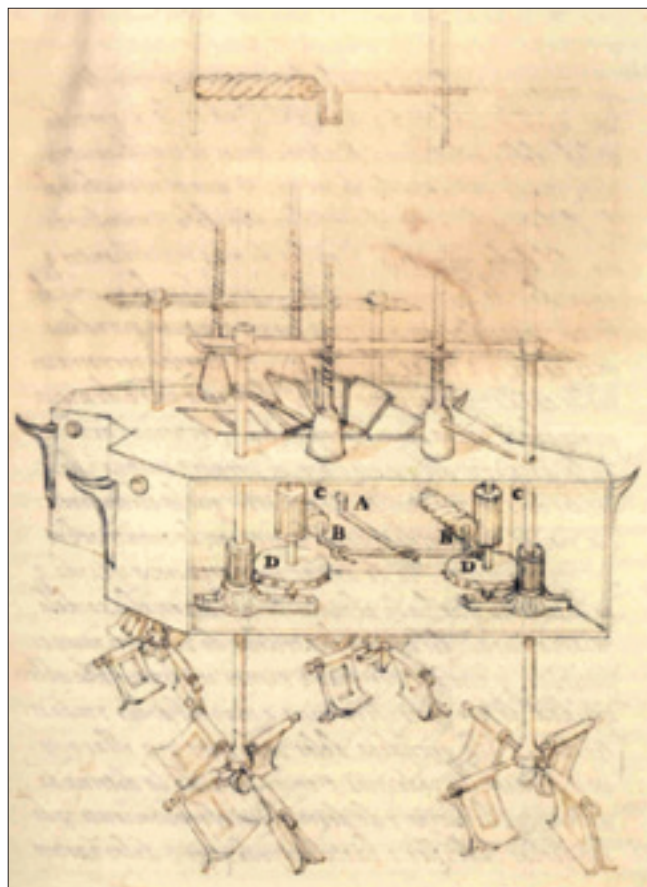
a revelação de notícias biográficas inéditas, recolhidas num criterioso trabalho de arquivo, e a transcrição em anexo do manuscrito do engenheiro referente às praças norte-africanas de Orão e Mazalquivir, com aprofundado aparato crítico devido a Daniel Crespo Delgado, por acaso, ou nem por isso, conservado na biblioteca da Academia Portuguesa de Ciências.

Embora supostamente breve, não terá sido a estada na corte de Rodolfo II, ainda em Viena, um dos menos importantes estímulos formativos de Turriano, a par com a influência do pai, o capitão de Cremona, Bernardino Turriano – e não Juanelo, como durante muito tempo se quis – e uma presumível passagem por Urbino, onde se pôde familiarizar com a arquitectura de Francesco di Giorgio Martini. Entrado ao serviço de Filipe II, mercê das boas relações entre as cortes imperiais, começou e acabou a sua carreira hispânica, curiosamente, em Lisboa, onde é visita fugaz, pela primeira vez, em 1582 ou 1583, acompanhando talvez o rei, e onde vem a morrer em 1628.

Enviado às Canárias em 1586 – aonde regressaria no ano seguinte – ali produziu a sua famosa *Descrição*, na qual se anuncia já um amplo feixe de interesses, onde cabiam os dotes fortificatórios, o gosto pelo registo de territórios e paisagens, a geografia e a corografia, a astronomia e, até, uma curiosidade etnográfica à época invulgar; mas foi a partir das suas subseqüentes visitas a Lisboa que Turriano construiu a base de uma carreira baseada tanto na fidelidade política à Coroa como na sua capacidade técnica para responder ao complexo programa de ordenamento defensivo peninsular, sobretudo na sua orla atlântica. Percorrendo toda a costa portuguesa e galega, desenhou e supervisionou a construção de inúmeras fortalezas antes de se fixar em Lisboa, cruzando-se aqui com outras “águias” da engenharia militar imperial: Filippo Terzi, Tiburcio Spannocchi, o capitão Fratino ou Giovanni Battista Antonelli, entre alguns outros.

Nomeado, em 1598, Engenheiro-Mor do Reino, foi obrigado então a enfrentar os grandes problemas da defesa de Lisboa e do assoreamento da barra do Tejo, a que dedicou a maior parte de uma intensa actividade profissional, sem deixar de aprofundar insuspeitos gostos literários: sabe-se que estabeleceu em Portugal uma extensa rede de contactos cujos contornos levaram Rafael Moreira, acertadamente, a salientar essa outra faceta de Turriano, cultor também das Humanidades, leitor atento dos Antigos, poeta amador e admirador de Camões.

Engenheiro e arquitecto – traçou pelo menos o convento carmelita de Cascais – tratadista informado, na linha das especulações dos grandes mecânicos toscanos – o que comprova o magnífico álbum ilustrado sobre a limpeza da barra tagana – credita-se ainda a Turriano o importante projecto de fomento industrial da fábrica de pólvora de Barcarena, para a qual concebeu um conjunto de artificiosos engenhos vertidos em desenhos técnicos que ainda se conservam, além de inúmeras abordagens a questões de hidráulica, com destaque para aquelas que atormentavam a difícil construção do forte de São Lourenço da Cabeça Seca, o Bugio, à entrada de Lisboa.



Uma incursão curiosa aos pormenores mais prosaicos do seu quotidiano – os dois casamentos, a família extensa, de nove filhos, as quintas de ambição aristocrática em Azeitão e Estoril – continua a revelar o imbricamento da biografia do homem de ciência e do ser social: identificando a casa lisboeta de Leonardo Turriano, à calçada do Combro, com o actual palacete da família Mendia, Rafael Moreira quis ver no terraço ainda ali existente a memória de um espaço arranjado pelo engenheiro para as suas observações astronómicas. Apesar de difícil comprovação documental, é caso para dizer que se *non é vero é ben trovato*: nada como uma hipótese de risco para estimular o conhecimento sobre uma personagem tão rica, resgatando-a de uma vulgaridade a que a condenaria, com certeza, uma narrativa convencional e ordeira, ao gosto disciplinado, mas sem imaginação, de boa parte da Universidade portuguesa. ●